

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Joseph Swensen direcção musical

13 Nov 2020 · 19:30 Sala Suggia

CICLO BARROCO BPI · À VOLTA DO BARROCO

Em memória de Georgina Illing



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Joseph Swensen sobre o programa do concerto.  
[VIMEO.COM/477649900](https://vimeo.com/477649900)

MECENAS

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## Wolfgang Amadeus Mozart

*Funeral Maçónico*, KV 477 (1785; c.6min)

Sinfonia n.º 35 em Ré maior, "Haffner", KV 385 (1782; c.22min)

1. *Allegro con spirito*
2. *Andante*
3. *Menuetto e Trio*
4. *Presto*

Sinfonia n.º 41 em Dó maior, "Júpiter", KV 551 (1788; c.30min)

1. *Allegro vivace*
2. *Andante cantabile*
3. *Minuetto: Allegretto*
4. *Molto allegro*



# Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

## A música orquestral vienense de Mozart

Wolfgang Amadeus Mozart é um dos grandes expoentes do Classicismo Vienense. No presente concerto serão interpretadas obras orquestrais escritas pelo compositor no último período de vida.

O final do século XVIII assistiu à disseminação das Luzes no Sacro Império Romano-Germânico, movimento cultural impactante na época. O imperador José II encarnou a figura do déspota esclarecido e empreendeu importantes reformas no território, apresentando uma atitude favorável à Franco-Maçonaria, à qual uma parte importante da aristocracia melómata vienense pertencia. Nesse contexto, a produção cultural na cidade incluiu obras para cerimónias maçónicas. Mozart escreveu *Funeral Maçónico K. 477* numa altura em que desenvolveu uma intensa actividade maçónica. Iniciado na sociedade no início da década de 1780, os ideais da Franco-Maçonaria encontram-se espelhados em diversas obras, com particular destaque para *A Flauta Mágica*. Em Julho de 1785, Mozart escreveu o embrião de *Funeral Maçónico*, uma obra para coro e orquestra destinada a assinalar a elevação de um dos seus irmãos maçónicos ao grau de Mestre. Posteriormente, adaptou-a para as cerimónias fúnebres de dois maçons proeminentes.

A peça orquestral, de carácter solene, reflecte serenidade e acompanha a transição das sombras para a luz. Assim, Mozart traçou um paralelo musical entre a ascensão na Franco-Maçonaria e a morte. Após um início calmo e sombrio, em que pontifica o estatismo, adicionam-se melodias que adensam a textura

e aumentam a tensão. A repetição de motivos e a transição entre atmosferas e caracteres assinalam o percurso do iniciado. Na secção intermédia, oboés e clarinetes apresentam uma melodia de cantochão evocativa do Ofício Divino do tempo pascal. As melodias e os motivos entrelaçam-se numa textura densa que leva ao final luminoso da obra num acorde glorioso de uma tonalidade maior.

A composição da **Sinfonia n.º 35** liga Salzburgo, local onde Wolfgang Amadeus Mozart cresceu, e Viena, a cidade pela qual o compositor se apaixonou. A obra começou com o projecto de uma serenata, um género orquestral de organização interna variada dividido em andamentos contrastantes. A sociabilidade de corte era o ambiente natural para essas obras, tendo sido muito cultivadas nas cortes de Salzburgo. A peça que originou a Sinfonia n.º 35 foi composta para a cerimónia de elevação à nobreza do comerciante Sigmund Haffner, o Jovem, que pertencia a uma das mais notáveis famílias de Salzburgo. A Sinfonia “Haffner” foi escrita no Verão de 1782, após Mozart se ter fixado em Viena e casado com Constanze Weber, eventos marcantes na sua vida. Assim, a Sinfonia n.º 35 cruza a música de carácter lúdico para festas de corte com as grandes sinfonias da maturidade. Nesse processo, Mozart adaptou a “Haffner” ao gosto vienense apresentando-a com uma orquestra de maior dimensão. É provável que o compositor a tenha estreado num concerto organizado por si no Burgtheater, a 23 de Março de 1783.

O *Allegro con spirito* capta a atenção do ouvinte com a figuração inicial. Escrito em forma *allegro* de sonata, contrapõe dois grupos temáticos: o primeiro dramático e movimentado, que remete para a ópera, e o segundo estático e tenso. O gesto do início da sinfonia

domina o andamento, com especial destaque para a curta secção de desenvolvimento, pontificada pela surpresa e pela instabilidade. O andamento termina com a recapitulação dos temas principais.

A regularidade rítmica e a leveza de textura do *Andante* encarnam o estilo galante e remetem para a cultura de corte. A apresentação melódica domina o andamento, que coloca em música a simplicidade e a naturalidade do Classicismo. Aqui, dois temas contrastantes são apresentados várias vezes em contextos distintos. O primeiro tema é expressivo e cantável, ao passo que o segundo se apresenta como uma espécie de resposta conclusiva ao elemento inicial.

O minueto, em forma minueto-trio-minueto, permanece no ambiente de corte setecentista. A atmosfera vertical e solene domina o minueto, assente na alternância de dinâmicas, ao qual é contraposto um trio de carácter lírico.

O final é um andamento muito rápido, preciso e enérgico. Neste rondó-sonata, a melodia animada do refrão ecoa a “Solche herge-laufne Laffen”, a ária cantada por Osmín no singspiel *O Rapto do Serralho*, obra terminada por Mozart pouco antes da sinfonia. Assim, a estilização da estrepitosa música turca é interpolada por passagens de carácter lírico, levando a sinfonia a um final de grande intensidade.

A **Sinfonia n.º 41 “Júpiter”** é a última obra desse género escrita por Wolfgang Amadeus Mozart e mostra o estilo tardio do compositor. Nesse período, houve uma redescoberta do género pelo público de Viena, que valorizava um estilo grandioso apresentado por uma orquestra de grande envergadura. O seu nome foi atribuído *a posteriori* e pode estar relacionado com a apropriação da mitologia romana por diversos compositores da época.

Composta em 1788, a peça condensa elementos estilísticos díspares, reflectindo o estilo conciliador de universos distintos cultivado pelo compositor. Unindo o teatro de ópera à sala de concerto, Mozart ocupa um lugar singular no panorama do Classicismo Vienense.

O *Allegro vivace* encontra-se numa forma *allegro* de sonata e começa com figurações que remetem para o universo da ópera. O elemento inicial contrasta com a melodia *cantabile* que se segue, sendo esse jogo interrompido por pausas que enfatizam o dramatismo e prepararam a transição para o segundo grupo temático. Este apresenta características campestres, em que o acompanhamento regular reforça o ideal lúdico e bucólico. Segue-se um desenvolvimento instável baseado na célula que inicia a sinfonia e em elementos do primeiro grupo temático. Uma transição gradual leva-nos ao trabalho motivico sobre elementos do segundo grupo temático, preparando a reexposição.

O *Andante cantabile* centra-se na apresentação de uma melodia lírica sobre o acompanhamento regular da orquestra. A serenidade e a placidez cedem, gradualmente, ao dramatismo. A tensão é dissipada pela apresentação de uma estilização da sarabanda, dança cortês associada ao passado.

O terceiro andamento encontra-se numa forma minueto-trio-minueto em que as secções extremas apresentam uma dança rústica, mais próxima do *ländler* camponês que do minueto cortês. O trio é mais contido e contrasta com a secção anterior, introduzindo um tema que será recapitulado no último andamento. O regresso do minueto destaca os solos de instrumentos de sopro.

A sinfonia termina com um andamento virtuosístico em que se destaca o recurso ao contraponto, com entradas sucessivas dos principais temas da sinfonia, misturando-se

com a organização tonal da forma sonata. Assim, fundem-se o antigo e o moderno no Classicismo tardio. A atmosfera lúdica e cinética esconde a complexidade do final, em que sequências melódicas baseadas nos temas principais da sinfonia interagem criando uma trama complexa de motivos. A surpresa, as interrupções repentinas e as mudanças de direcção conduzem à secção final, quando cinco temas da sinfonia são apresentados em simultâneo numa textura de *fugato*, adensando a textura e acumulando tensão. Uma grande sinfonia para Viena, a cidade de adopção de Mozart.

JOÃO SILVA, 2020

## Joseph Swensen direção musical

Joseph Swensen é Director Artístico da NFM Leopoldinum Orchestra (Wrocław), Maestro Emérito da Orquestra de Câmara Escocesa e Maestro Convidado Principal da Orquestra Ciudad de Granada. Foi Maestro Convidado Principal e Consultor Artístico da Orquestra de Câmara de Paris (2009-2012), e Maestro Principal da Orquestra de Câmara da Escócia (1996-2005) e da Ópera de Malmö (2005-2011). Conhecido por estabelecer relações sólidas com orquestras, colabora regularmente com as formações que lhe são mais próximas: a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Nacional de Gales/BBC e a Sinfónica de Navarra.

Durante os nove anos em que trabalhou com a Orquestra de Câmara Escocesa, realizou com esta várias digressões aos EUA, ao Reino Unido, à Europa e ao Extremo Oriente, tendo actuado no Mostly Mozart Festival em Nova Iorque, nos Festivais de Tanglewood e Ravinia, no BBC Proms, no Barbican e no Concertgebouw de Amesterdão. Dirigiu aclamadas produções de óperas menos encenadas enquanto Maestro Titular da Ópera de Malmö, na Suécia.

Antes de se ter iniciado como maestro em meados dos anos 90, Swensen desenvolveu uma bem-sucedida carreira de violinista, tocando como solista junto das orquestras e dos maestros mais prestigiados do mundo. Como artista exclusivo BMG Classics, gravou os Concertos para violino de Beethoven (com André Prévin e a Royal Philharmonic) e de Sibelius (com Jukka Pekka Saraste e a Sinfónica da Rádio Finlandesa).

O grande interesse de Joseph Swensen pela arte de tocar e dirigir em simultâneo levou-o a criar, com a Orquestra de Câmara de Paris,

a primeira Paris Play-Direct Academy (2011). Estende o repertório enquanto maestro-solista para lá do período Clássico, interpretando concertos para violino de compositores como Brahms, Barber e Prokofieff. Com a Orquestra de Câmara Escocesa, gravou uma série de Concertos para violino de Brahms, Mendelssohn e Prokofieff (2.º), para a Linn Records.

Músico multifacetado, Swensen é um compositor e orquestrador muito activo. A sua orquestração das *Cinco canções sem palavras* (1920) de Prokofieff está publicada pela Boosey & Hawkes; e a Signum gravou a *Sinfonia em Si* (2007), uma orquestração da raramente apresentada versão de 1854 do Trio op. 8 de Brahms. A sua obra inclui ainda orquestrações do Quarteto em Sol menor de Nielsen (Quatro andamentos para orquestra, 1888) e arranjos para orquestra de cordas do Quarteto op. 131 de Beethoven e do Quarteto de Debussy – que gravou com a NFM Leopoldinum. As suas composições mais aclamadas são *Shizue* (2001) para shakuhachi e orquestra e a Sinfonia-Concertante para trompa e orquestra (*The Fire and the Rose*, 2008), bem como *Sinfonietta* (2017) para cordas e sintetizador.

Joseph Swensen é um pedagogo muito procurado, ensinando direcção, violino e música de câmara no Conservatório Real da Escócia em Glasgow. Americano com ascendência norueguesa e japonesa, Swensen nasceu em Hoboken, Nova Jérсия, e cresceu em Harlem, Nova Iorque.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Stefan Blunier** maestro associado

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Martyn Jackson  
Álvaro Pereira  
Roumiana Badeva  
José Despujols  
Emília Vanguelova  
Andras Burai  
Vadim Feldblioum  
Vladimir Grinman

**Violino II**

Nancy Frederick  
Lilit Davtyan  
Karolina Andrzejczak  
Mariana Costa  
José Paulo Jesus  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev

**Viola**

Anna Gonera  
Emília Alves  
Rute Azevedo  
Jean Loup Lecomte  
Hazel Veitch  
Theo Ellegiers

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Michal Kiska  
Bruno Cardoso  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Jorge Villar Paredes  
Joel Azevedo  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner

**Trompa**

Nuno Vaz  
Eddy Tauber

**Trompete**

Luís Granjo  
Rui Brito

**Tímpanos**

Bruno Costa



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

